

A CATEDRAL DE SÃO PEDRO

LUIZ HENRIQUE TORRES*

RESUMO

Os vestígios materiais/arquitetônicos do século 18 são restritos no Rio Grande do Sul. Construída em 1755, a Catedral de São Pedro é um prédio de referência para contar a história da cidade do Rio Grande, tendo completado uma trajetória de um quarto de milênio. O artigo buscou o resgate de alguns momentos desta longa temporalidade que recua ao período colonial, e procurou, de forma didática, explicitar as motivações para sua construção e as tentativas para a sua demolição; também buscou enfatizar a importância de sua preservação enquanto patrimônio histórico nacional e a necessidade de divulgação de suas histórias.

PALAVRAS CHAVE: cidade do Rio Grande; Catedral de São Pedro; Rio Grande do Sul.

1 – OS PRIMÓRDIOS

A história da cidade do Rio Grande se confunde com o surgimento, há 250 anos, do mais antigo prédio ainda em utilização do Rio Grande do Sul: a igreja de São Pedro. Antes da ocupação oficial da barra do Rio Grande, em 1736, um decreto diocesano do bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro criou uma Freguesia na terra a ser povoada nos quadros da geopolítica lusitana. O bispo Dom Frei Antônio de Guadalupe nomeou dois franciscanos para as atividades religiosas: Frei Vicente e Frei Anselmo, que chegaram a Rio Grande em abril de 1737. Antes da chegada dos frades, foi celebrada a primeira missa, em 25 de março de 1737, pelo sacerdote Jerônimo Ribeiro,

* Professor do Curso de História da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Doutor em História do Brasil.

que acompanhou a frota de Silva Paes que oficializou a ocupação do canal do Rio Grande em 19 de fevereiro de 1737.

Existiram nas duas primeiras décadas após o povoamento do Rio Grande os seguintes templos religiosos: capela do Presídio Jesus-Maria-José (primeira matriz), capela da Fortaleza de Sant'Ana do Estreito (povoação localizada nas proximidades da Hidráulica que persistiu até a década de 1750), capela de Nossa Senhora do Rosário (localizada na atual rua Napoleão Laureano, proximidade com a Luiz Loréa) e a capela de Nossa Senhora da Lapa (localizada no final da atual rua 19 de Fevereiro). A Igreja de São Pedro foi o quinto templo religioso, surgida quando Rio Grande já era político-administrativamente uma vila, desde dezembro de 1751¹. Localizava-se na rua da Direitura ou Direita (atual rua General Bacelar) denominação utilizada em referência à primeira rua da localidade, ligando o templo religioso até o Forte Jesus-Maria-José.

Para entender a sua construção, realizada a mando de Gomes Freire de Andrade, é preciso destacar as precárias condições dos demais templos existentes na vila do Rio Grande e o incêndio na então igreja Matriz do Rosário. Uma correspondência é muito elucidativa para dimensionar as motivações da construção. O padre Manoel Francisco da Silva (capelão militar do Regimento dos Dragões) enviou em 28 de julho de 1755 uma carta para o General Gomes Freire de Andrade, pedindo a edificação de uma igreja em condições de receber os fiéis. O teor da carta era o seguinte:

A 25 de janeiro de 1755, caindo um raio em um armazém de pólvora, que estava junto desta matriz (Capela de Nossa Senhora do Rosário), a deixou totalmente demolida e arruinada e, no mesmo tempo e sítio se reedificou outra vez a capela-mor com quatro pilares de tijolos para aí se dizer missa ao povo. Mas, pela pouca firmeza da reedificação e pela continuada invasão das areias e tempestades deste ano se tem posto aquele sítio indecente, incapaz e indigno de se poder conservar ali o templo de Deus, e tanto assim que na noite de 25 para 26 deste mês em

¹ TORRES, Luiz Henrique. *Câmara Municipal do Rio Grande: berço do parlamento gaúcho*. Rio Grande: Salisgraf, 2001.

que houve a rigorosa tormenta que V. Exa. tão bem viu e presenciou, indo eu a dizer missa ao povo o não pude conseguir, porque achei a porta coberta de areia até o meio, e entrando para dentro com muito trabalho vi a dita capela alagada de areia e água, molhados e destruídos os ornamentos e tudo o mais que estava. E indo ao outro dia, que era domingo, para dizer missa o não pude também conseguir pela muita e continuada areia que vertia do telhado, e nestes termos ordenei ao povo fosse ouvir missa à capelinha da Lapa, aonde lá fui dizer. E entrando na condição de trasladar o Santíssimo Sacramento para outra igreja, vejo que não há no Rio Grande, porque ainda que há a tal capelinha da Lapa e a da Senhora Sant'Ana, nem para esta, por estar meia légua distante da povoação, nem para aquela, por ser toda de madeira, muito pequena, estar arruinada e indecente, como a V. Exa. é manifesto².

Portanto, o padre Manoel Francisco da Silva faz um veemente relato da necessidade de construção de uma igreja matriz para manutenção das atividades religiosas na vila, que eram primordiais no cotidiano luso-brasileiro do período colonial. Na carência de recursos materiais para a organização de um núcleo urbano, Gomes Freire optou por canalizar os esforços na edificação da Matriz, ponto de confluência da população luso-brasileira.

Em carta de Gomes Freire de Andrade dirigida a Diogo de Mendonça Corte Real datada de 3 de novembro de 1755, ele faz o seguinte esclarecimento:

[...] passei com os engenheiros a ver o que se podia remediar, e eles, vendo não só o que estava servindo de igreja de nada servia e custaria mais o remédio que a nova obra, considerando eu também a distância em que hoje está o Povo do templo, me resolvi a aproveitar os peões ou serventes da expedição e os alvaneos, que são quatro, e os carpinteiros, oito... e com eles dei princípio a uma nova igreja, aproveitando os salários desta gente, e a pedra, tijolo e cal que havia mandado juntar para se fazer a residência do governador, sendo mais preciso acudir a reverência ao Santíssimo Sacramento e à maior necessidade (...) pude ajustar com o Vigário e povo dar-lhe feita a capela-mor, e o povo vai

² BARRETO, Abeilard de. *Bibliografia sul-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, 1973, p. 47.

com o corpo da igreja, e eu faço já trabalhar na frontaria, aproveitando-me até o último dia de trabalho dos mesmos oficiais...”³.

Esta edificação mista resultou que a utilização de pedras no prédio restringiu-se a participação dos engenheiros militares que dispunham deste material de construção raro para a população local (pedras que seriam utilizadas na construção da casa do governador...).

Construção iniciada em 1755, já em abril do ano seguinte foi registrado o primeiro assentamento de batismo e no mês de outubro ocorreu um casamento na igreja. A construção oficial teve início em 25 de agosto de 1755, com a invocação de São Pedro. A lápide de mármore no frontispício da igreja tem o seguinte texto: “Reinando El Rey D. José e sendo Governador o Capitão General das Capitánias do Rio de Janeiro e Minas Gerais o Ilustríssimo e Excelentíssimo Gomes Freire de Andrade do seu Conselho, M. de Campo General dos seus Exércitos, mandou fazer esta Igreja no tempo que conferiu e executou desta parte, como principal comissário do mesmo Rey e Senhor, a divisão das duas Monarquias. Rio Grande de São Pedro XXV de agosto de MDCCLV”. A placa original apresentava a data de 25 de agosto de 1754, data de lançamento da pedra fundamental, mas, já que nenhuma obra de fato ocorreu, A placa foi retificada para 25 de agosto de 1755. Essa data é o referencial oficial do início da construção da Igreja Matriz de São Pedro, o que não assegura que nesse dia e mês tenha iniciado a construção. A documentação é lacunar e apenas informa que em novembro de 1755 a obra estava em andamento.

2 – O PROJETO ORIGINAL DA IGREJA

Na ocupação do canal do Rio Grande, as dificuldades para aquisição de recurso financeiro e material de construção eram sentidas pelas autoridades e moradores. Construir uma igreja com pedras já era um grande desafio. André Ribeiro

³ Carta de Gomes Freire de Andrade dirigida a Diogo de Mendonça Corte Real, datada de 3 de novembro de 1755.

Coutinho, Governador do Rio Grande, salientou em seus escritos que nas proximidades do Forte Jesus-Maria-José foram construídas algumas casas para habitação e também uma pequena igreja “de 92 palmos de comprimento (20 metros), incluindo cruzeiro e capela-Mór e 40 palmos de largo (9 metros); um corpo de guarda de 34 palmos; 4 quartéis pequenos para os soldados; um armazém para a courama de 105 palmos; uma ferraria, uma casa para o armeiro”.⁴

Ribeiro Coutinho também registrou que “todos os sobreditos quartéis, armazéns e obras” foram construídos de “pau a pique e barro”. O terreno arenoso e a falta de material de construção dificultavam ou inviabilizavam edificações resistentes. A madeira era retirada da Ilha dos Marinheiros. Conforme testemunho de 1744 do padre jesuíta Melchior Straser, até a capela e a casa do governador eram cobertas de palha e o aspecto geral das casas era “muito miserável”⁵.

Em relação à igreja de Nossa Senhora da Conceição do Estreito, John Luccock, em 1809, percorreu a área onde existiu o povoamento da Fortificação do Estreito, relatando que não encontrou vestígios de um templo. Assim como toda a fortificação do Estreito, a igreja não deixou vestígios superficiais, sendo tomada pela areia, além disto Gomes Freire determinara que todo o material possível fosse aproveitado no povoamento do Porto (Jesus-Maria-José).

A autoria do projeto arquitetônico para construção da igreja que se tornaria a Matriz de São Pedro (que foi elevada a Catedral em 1972) coube ao engenheiro militar Manuel Vieira Leão (1727-1803). Obtendo promoções desde sua passagem como tenente em Rio Grande, Leão era sargento-mor engenheiro quando da invasão da Ilha de Santa Catarina pelas tropas de Cevallos em 1777. Ao lado do brigadeiro José Custódio de Sá e Faria, Leão foi dos mais responsabilizados pela ocupação espanhola em Santa Catarina. Levado a Portugal, ficou preso por oito anos, sendo libertado por cédula real em 1786. Porém, a

⁴ Memória dos Serviços Prestados pelo Mestre-de-Campo André Ribeiro Coutinho no Governo do Rio Grande de São Pedro, dirigida a Gomes Freire de Andrade, em 1740.

⁵ Carta do Padre Melchior Straser ao padre Santiago Dedelley, da Alemanha em 15/09/1744.

suspensão do seqüestro dos seus bens ocorreu em 1788 e seus soldos atrasados só foram pagos em 1802. Quando elaborou o projeto da Matriz de São Pedro, Manuel Vieira Leão tinha 28 anos de idade. A edificação apresenta uma área construída de 484,50m², largura de 17m, comprimento de 28,5 m e altura média máxima de 12,5 metros. Apresenta uma nave central e uma capela-mor. Os retábulos estão divididos em nove altares, sendo o maior destinado a São Pedro, junto à capela-mor, além de oito altares de irmandades na nave.

Abeilard Barreto afirmou que,

conforme se constata no verbete de Gomes Freire de Andrada, foi este quem mandou erguer a matriz de São Pedro do Rio Grande – hoje a mais antiga igreja do Estado – em fins de 1755. E como nessa ocasião fazia-lhe companhia, entre outros engenheiros de maior graduação, o então Ajudante de artilharia, com serviço de engenheiro, Manoel Vieira Leão, não nos pareceu difícil que os dois desenhos fossem os projetos originais da construção do templo. Não nos equivocávamos, e assim se tornou possível saber quem foi o arquiteto e construtor da igreja, bem como conhecer todos os seus detalhes antes que Cevallos, ao tomar o Rio Grande em 1763, mandasse retirar portadas, retábulo, armários, lampadário, o Santíssimo e até imagens como as de Cristo, de N. S. do Rosário com o filho etc. para transferi-los para a igreja de San Carlos, de cujo aumento e reconstrução tratava insistentemente em sua correspondência e instruções⁶.

Além de espaço para os cultos ecumênicos, a matriz de São Pedro teve a função de receber enterramentos dos seus fiéis, seja no interior do templo ou em sua área externa. No interior do templo estão os restos mortais de atores destacados da história do Rio Grande do Sul e do Brasil, como Rafael Pinto Bandeira. O primeiro enterramento ocorreu em 6 de setembro de 1756, quando o livro de óbitos da Freguesia foi lavrado pelo padre Manoel Francisco da Silva nos seguintes termos: “faleceu da vida presente sem sacramentos, por morrer repentinamente, estando a tocar harpa na Igreja Matriz, Antonio Cano, castelhano, natural de Santa Fé e casado com Maria Gomes, índia Tape. Sepultou-se nesta matriz de São Pedro do Rio Grande e lhe fiz por sua alma os

⁶ BARRETO, Abeilard. *Bibliografia sul-rio-grandense*. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1973.

sufrágios do enterro”⁷.

Em 1809 John Luccock deixou uma rara descrição da Matriz:

A Igreja a que o povo dá o pomposo nome de Catedral, ergue-se no coração do casario, impondo-se à paisagem (...). À frente está a Catedral que, a despeito da monotonia de linhas internas e externas, é um edifício gracioso. Nos extremos do frontispício ergue-se uma torre quadrangular encimada por um campanário. A porta de entrada é distante ao coro, iluminado por uma janela espaçosa de forma circular que dá à frente certo ornato. Fronteiros à porta estão o santuário e o altar. Os lados da nave destinam-se aos homens, ficando as mulheres no centro. Do chão à crista da Igreja vão cerca de cinqüenta pés e em sua frente a areia acumula-se à mesma altura, mandando o vento em cheio contra o edifício, fá-la afastar-se da parede, estabelecendo-se um como que valado aberto em direção à porta... (...). O contínuo aumento das colinas uma vez formadas é patenteado por aquela massa de areia existente junto à igreja de S. Pedro a que já tive ocasião de aludir. Aquele acúmulo datava de cinqüenta anos, como contavam os velhos e a sua elevação indicava que o surgimento era de um pé por ano.⁸

3 – DEVISSA NA VILA DO RIO GRANDE

Menos de oito anos após a construção da Igreja Matriz de São Pedro, momentos dramáticos foram vivenciados pela população da Vila do Rio Grande quando da invasão espanhola em 1763. A vila foi saqueada por soldados e civis que fugiam à aproximação dos castelhanos. No processo movido pela Coroa Portuguesa para apurar os responsáveis pela desocupação desordenada luso-brasileira, a denominada *DeviSSa sobre a entrega da Vila do Rio Grande às tropas castelhanas*, perguntas foram feitas aos soldados buscando reconstituir os episódios de depredações ocorridos com a notícia da marcha das tropas espanholas sobre a vila e os roubos feitos na Igreja.

Ao longo do processo foram levantados muitos depoimentos. A décima pergunta feita aos interrogados tinha o

⁷ In: ROCHA, Daoiz de la. *Catedral de São Pedro*. Rio Grande: Gráfica Salesiano, 1997, p.7.

⁸ LUCCOCK, John. *Viagem ao Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. São Paulo/EDUSP; Belo Horizonte/Itatiaia: 1975, p. 118.

seguinte teor: “Se depois da derrota de Castilhos e estar com esta notícia a Vila do Rio Grande em confusão os soldados que daquela escaparam ou outra alguma pessoa cometeram roubos na dita Vila excepcionalmente nos Templos tirando deles as imagens, vasos sagrados, ornamentos ou outras algumas alfaias dedicadas a Deus e aos seus santos quem foram às ditas pessoas e que uso fizeram das ditas coisas”. Uma resposta obtida foi a seguinte:

“E do décimo disse que sabe por ser público e notório que da Igreja da Vila do Rio Grande se furtara tudo o que havia de valor ao tempo da entrada dos inimigos e ainda dos vasos sagrados e a Ambula dos Santos Óleos de que ouvira dizer se fizera deles usos profanos, mas que não sabe quem fizera os ditos roubos e desacatos e que só ouvira dizer a um Manoel da Costa de Carvalho que se passou para a Ilha de Santa Catarina aonde lhe consta que atualmente assiste que o padre Frei Valério do Sacramento comissário que era dos Trezeiros de São Francisco na dita Vila do Rio Grande repartira alguns dos ornamentos ou quartinados da dita Igreja em cortes de chinela e sapatos de mulheres a quem os dera e mais não disse”⁹.

Em outro depoimento coletou-se a informação de que alguns soldados bêbados entraram a cavalo na Igreja Matriz saindo vestidos com as Opas da Confraria do Santíssimo. Objetos sagrados, de elevado valor material, foram roubados e posteriormente recuperados pelos devotos na trilha deixada pelos fugitivos. Foi o caso do vaso do sacrário, que fora roubado e foi visto pelo Capitão Antônio Pinto Carneiro no interior da Matriz. O capitão foi à vila conferenciar com Cevallos e observou os fiéis receberem a comunhão que estava no vaso do sacrário.¹⁰

Durante o longo período de ocupação da Vila até 1776, as areias e os prolongados invernos do Rio Grande haviam arruinado as precárias habitações deixadas pelos retirantes em 1763; elas estavam agora inclinadas à retaguarda ou caídas à vanguarda, “tão mal empalhadas, tão mal escoradas, tão velhas e tão

⁹ *Devassa sobre a entrega da Vila do Rio Grande às tropas castelhanas*, Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1937, p. 74 e segs.

¹⁰ *Devassa*, p. 74 e segs.

caducas que à força de muletas se conservam de pé”¹¹. Era exceção apenas a Matriz de São Pedro, a casa do Governador e o hospital, cujas atividades vitais para o funcionamento da posição espanhola fez com que recebessem cuidados de conservação.¹²

A marcante presença do catolicismo entre os espanhóis fez com que as atividades religiosas tivessem continuidade nesses treze anos de ocupação. Na falta de fontes que detalhem o exercício de religiosidade espanhola junto à Matriz, a boa conservação do templo quando da retomada luso-brasileira confirma a contínua utilização da igreja. Opinião compartilhada por Queiroz:

(...) a Matriz de São Pedro foi sede religiosa dos espanhóis e portugueses da margem sul do canal, durante os treze anos de ocupação espanhola. Voltou ao domínio português intacta. Os Livros Paroquiais de eventos vitais que, ainda em nossos dias, muitas vezes são dados como perdidos, nesta época, foram recuperados ilesos. Na coleção desses livros falta apenas o de casamentos, encerrado em 1756, e os de batizados de escravos, que estava em aberto. Essas perdas dificilmente podem ser atribuídas aos espanhóis, tanto pela ausência de interesse que pudessem despertar, como pelo fato de todos os outros terem sido preservados, e principalmente pelo fato de que, sendo também católicos, essa atitude teria constituído não somente barbárie, mas sacrilégio¹³.

Quando da retomada luso-brasileira da Vila do Rio Grande em abril de 1776, as tropas foram festejar a vitória em frente à Igreja de São Pedro, um ponto de confluência urbana que se projetou até o presente. Porém, nos séculos 19 e 20, o reduzido espaço interno para acomodar os fiéis na celebração das missas

¹¹ SOUZA, Francisco Ferreira de. Descrição a Viagem do Rio Grande In: *Simpósio Comemorativo do bi-centenário da restauração do Rio Grande*. Rio de Janeiro: IHGB, v.3, 1979, p. 261.

¹² BOHM, Heinrich. *Simpósio Comemorativo do bi-centenário da restauração do Rio Grande*. Rio de Janeiro: IHGB, v. 1, 1979, p., 116.

¹³ QUEIRÓZ, Maria Luiza Bertulini. *A Vila do Rio Grande de São Pedro*. Rio Grande: EDFURG, 1987, p. 115.

ou atividades religiosas fez com que propostas de ampliação ou demolição colocassem em risco a manutenção do prédio.

4 – A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA MATRIZ

No relatório da Câmara Municipal em sessão de 7 de janeiro de 1849, a construção de uma nova Matriz estava em pauta:

Por vezes tem esta Câmara representado à Assembléa Provincial a conveniência a bem da religião, de criação de uma nova igreja Matriz, com as proporções e capacidade correspondentes à grande massa de fiéis para os quais é já de há muito tempo excessivamente acanhada a antiga Matriz edificada há perto de cem anos e na qual não se pode reunir talvez nem a vigésima parte da população da cidade e seus arredores: e contando à Câmara ser atendida, tanto mais que já a Assembléa recomendou o levantamento da respectiva planta e orçamento, reservou a quadra inteira do lado Norte da praça Geribanda, para ali se edificar o novo templo, não só por ser um lugar espaçoso e no centro da cidade, como porque dispensa o grande sacrifício de comprar-se algum terreno, hoje difícil de encontrar-se”¹⁴.

A Câmara Municipal, em outubro de 1882, concedeu terreno na praça Tamandaré para a construção da nova Igreja Matriz, situado entre as ruas General Neto e 24 de Maio, tendo por frente ao norte a rua General Câmara e ao Sul a General Vitorino. Porém, o projeto não teve efetivação.

Caracterizando o teor das discussões, podemos citar um artigo do jornal *O Rio-Grandense* do dia 27 de novembro de 1849, que, com o título *Um golpe de vista sobre esta cidade* discutiu a ampliação do prédio da matriz com a derrubada da capela de São Francisco:

A Matriz desta cidade, ereta em um tempo em que ainda quase nenhuns edificios apareciam nesta cidade, devia necessariamente no futuro apresentar muitos defeitos. Hoje a cidade do Rio Grande está mais aumentada, há mais

¹⁴ Relatório da Câmara Municipal do Rio Grande em sessão de 7 de janeiro de 1849.

concorrência de estrangeiros e por conseguinte mais população, oferece este templo diminuta proporções. Podia ele ser magnífico sem a dependência de outro que lhe corta toda a extensão que poderá ter. Se com efeito se obtivesse a transladação da igreja de S. Francisco para outro qualquer ponto da cidade, ficando então aquela de posse do terreno devoluto, não podia por ventura ficar mais aumentada a Matriz, um dos edifícios que tanto atrai as vistas do estrangeiro? Tirar-se-ia deste aumento ainda uma vantagem, qual fosse a de situar o templo com a frente para uma praça pública, onde sofreria menos a influência dos ventos que impelem a areia dos cômoros que lhe ficam fronteiros. Têm aparecido algumas idéias sobre a transladação da Matriz para a Praça da Geribanda, mas tais idéias não podem fortificar-se atenta uma melhor qual seja a da praça Municipal, mais freqüentada e onde figuram melhores edifícios. Sem dúvida que muito aproveitaria a Matriz com esta mudança, mas estamos certos de que no decorrer do tempo, esta nossa idéia há de ser apoiada¹⁵.

5 – A PROPOSTA DE DEMOLIÇÃO DO PRÉDIO

Antenor Monteiro, na década de 1930, dedicou várias páginas de sua coluna jornalística “Rebuscos” para defender a preservação do prédio, que estava ameaçado de demolição. Desenvolveu um resgate histórico e construiu um discurso entre o épico e o lírico para justificar a não-demolição da Matriz:

O velho pescador que do alto do seu altar há quase duzentos anos ergue a mão na benção consoladora dos crentes, levantará o braço lançando a maldição àqueles que brandirem a picareta demolidora do templo que primeiro o acolheu e que é a nossa história viva (...) quanto ao lado histórico é simplesmente um crime fazer desaparecer o único monumento que se ergueu ao surgir à gleba que nos havia de servir de berço. Por que tocar em coisas duplamente sagradas? Por que divergir de outros povos que nutrem amor à tradição e conservam e veneram os seus velhos monumentos? A nossa velha Matriz não é um edifício que nos envergonhe; tem linhas apreciáveis e modesta imponência. Uma vez reparada das injúrias daninhas do tempo, ela continuará qual um marco precioso da nossa evolução¹⁶.

¹⁵ *Rio-grandense* Rio Grande: 27 de novembro de 1849.

¹⁶ MONTEIRO, Antenor. Matriz de S. Pedro. *Rebuscos*, Rio Grande: 1936.

A Matriz de S. Pedro, pela imponência que, para a época, apresentava, era denominada de Catedral. Foi em seu entorno que

se foi aninhando a vila no seu primitivismo. Foi dentro daquelas veneráveis paredes que se iam encher de coragem aqueles que marchavam para a conquista do território cobiçado por outros, e os que ficavam erguiam suas preces pela salvação dos que partiram e pela vitória da causa. Os nossos heróis ali receberam o batismo e ela guarda em seu seio, desde a escada de granito até o sagrado altar, e mesmo contornando-a pela rua, os ossos daqueles que trabalharam, que lutaram pelo nosso progresso, quer nobres quer plebeus, todos merecedores da nossa veneração pelo muito que fizeram por este rincão querido. Ela suportou o chicotear das areias que por vezes a avassalavam, ela sofreu as injúrias do tempo e dos inimigos; ela viu as primitivas casinhas de pau-a-pique e barro, serem substituídas pela imponência das modernas edificações. Ela, pelos dobres dos seus sinos, chorou a invasão do inimigo, e alegre, eles tilintaram nos dias de glória e saudaram a nossa independência nacional. É o que nos resta de um passado que vai tão longe! Só ela aqui neste rincão, nos fala do passado. Negar que a Matriz de S. Pedro não tem valor histórico é negar a luz do sol; é ter olhos e não enxergar¹⁷.

Em 1937, a Matriz passou por seu momento mais crítico, com a expectativa do cumprimento da determinação do Bispado sediado em Pelotas que já autorizara a demolição e aguardava a posição da Prefeitura Municipal do Rio Grande para indicar novo local para assentamento e recursos financeiros para as obras. A lentidão dos trâmites e a resistência de segmentos da comunidade chegaram a contento com a nova legislação brasileira de proteção ao patrimônio histórico e arquitetônico, que em 1938 considerou o prédio como patrimônio nacional, impedindo a sua demolição¹⁸.

6 – O RAIO E A LUZ

¹⁷ MONTEIRO, idem.

¹⁸ Em 1997, após sofrer um amplo trabalho de restauração, a Igreja foi novamente disponibilizada para os cultos religiosos. O primeiro trabalho de arqueologia histórica na cidade do Rio Grande foi realizado em 1996, com escavações no interior do templo. Ver: RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz et alli. Escavações Arqueológicas na Catedral de São Pedro, Rio Grande, RS, Brasil In: RIBEIRO, P. A. M. (Org.) *Arqueologia na Cidade do Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 2004.

Não apenas à ação humana, mas também às forças da natureza o prédio sobreviveu. Um raio caiu na Igreja e poderia ter causado um incêndio devastador. O fato foi narrado por Antenor Monteiro com base na leitura de jornais da época do acontecimento:

O dia 27 de dezembro de 1872 amanhecera tempestuoso. Cerca das sete horas da manhã, um raio caiu sobre a torre da Matriz. Verificado o estrago – diz a notícia da época – reconheceu-se que o raio penetrou pela abóboda da torre, foi à máquina do relógio, da qual quebrou duas peças, furou o alçapão em que a mesma está assentada. Veio à porta que dá para o coro e que estava fechada, escangalhou-a atirando um pedaço à distância, e descendo veio até a pia batismal, lascando a parede, e dali retrocedeu, julgando-se que saiu pela porta principal da igreja, que estava aberta. A única pessoa que se achava nessa ocasião na igreja era o Sr. Antonio Joaquim Correa Braga, sacristão, que tendo estado em momentos antes no coro, desceu e entrava nesse momento na sacristia, quando ouviu a detonação e indo à igreja, viu-a completamente enfumaçada. Pode-se avaliar do susto do Sr. Braga, quando foi ver no lugar em que estivera sentado no coro, uma parte da porta que fora arremessada pelo raio, a qual lhe poderia dar a morte, se ainda ali o encontrara. É o único fato que temos conhecimento, sucedido em resultado das grandes trovoadas de ontem¹⁹.

Inúmeras histórias ainda podem ser resgatadas nesta longa trajetória da Catedral de São Pedro. Desde os batizados, casamentos, enterramentos, atividades litúrgicas e momentos de conagração da população nos vínculos da vida, da morte e da fé. Diferentemente de grande parte da cidade, cuja antiga estética urbana foi dizimada pelo abandono ou pela especulação imobiliária que desconsiderou o patrimônio histórico, a Catedral sobreviveu às muitas tentativas de destruição ao longo de quase cem anos. Dessa forma, preservou-se não apenas a igreja mas também a memória da vila do Rio Grande de São Pedro, do modo de vida colonial no ambiente das areias que se tornaram ruas, dos cômodos que se tornaram casas, no

¹⁹ Idem, *ibidem*.

vento que num turbilhão de experiências históricas projetou o futuro que foi construído por inúmeras gerações desde o século 18²⁰.

²⁰ Dois personagens de atuação exponencial no século 18, o Brigadeiro e Governador Rafael Pinto Bandeira e o Tenente-Coronel e Governador Sebastião Xavier Veiga Cabral da Câmara foram enterrados na Igreja. Joaquim Marques Lisboa, o Almirante Tamandaré, foi batizado na igreja, tendo redigido o seguinte registro: "A 13 de dezembro de 1807 nasci na cidade de São Pedro do Sul, em cuja Cathedral recebi os Santos Óleos, pois fui batizado ao nascer, por apresentar perigo de vida...".